

# O MAR DE SOPHIA: ENCONTRO ENTRE TEMPO MÍTICO E TEMPO PRESENTE EM “ÍTACA” E “O REI DE ÍTACA”

**DANIELE ATIE FORESTO\***

Universidade Estadual Paulista (Unesp), Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, São Paulo, SP, Brasil.

Recebido em: 28 mar. 2025. Aprovado em: 14 abr. 2025.

Como citar este artigo: FORESTO, D. A. O mar de Sophia: encontro entre tempo mítico e tempo presente em “Ítaca” e “O Rei de Ítaca”. *Cadernos de Pós-Graduação em Letras*, v. 25, n. 2, p. 50-64, maio/ago. 2025. DOI: 10.5935/cadernosletras.v25n2p50-64

## Resumo

O presente artigo explora a mitologia clássica, o descontentamento com o mundo moderno e a busca pela essência humana nos versos de Sophia de Mello Breyner Andresen. Relacionando o mar à sua criação poética, são analisados os poemas “Ítaca” e “O rei de Ítaca”, considerando o mar como símbolo central e o herói grego como exemplo. O objetivo final de Sophia parece ser, então, a recriação do mito clássico: segue influências homéricas, reconhece o espaço natural da maresia, entregando-se à profunda compreensão e à reflexão da origem do mundo e da condição humana. Sua atmosfera ultramarina e lusitana,

---

\* E-mail: daniele.atie@unesp.br  
 <https://orcid.org/0009-0004-0344-2055>

imbuída de um espírito “ulissiano”, revive o mito enquanto mergulha na nostalgia por épocas não vividas.

## Palavras-chave

Mar. Mitologia clássica. Sophia de Mello Breyner Andresen.

## INTRODUÇÃO

Parte da experiência humana envolve a busca por respostas sobre a origem da vida, um questionamento presente tanto em abordagens mais científicas quanto naquelas guiadas por uma visão mais espiritual ou mitológica da realidade. O mito, nesse contexto, surge como uma forma de resposta para perguntas existenciais que o conhecimento racional não consegue conceber plenamente. Ao oferecer explicações simbólicas e narrativas, o mito não apenas atende às dúvidas pessoais, mas também desempenha um papel fundamental na construção da cultura de um povo, oferecendo respostas que tocam as emoções e os anseios mais profundos da humanidade.

Nesse sentido, o mito vai além de uma simples narrativa; ele estrutura o imaginário coletivo, promovendo uma sensação de pertencimento e compreensão compartilhada. Para vivenciá-lo e compreendê-lo, o ser humano precisa ativar sua suspensão de descrença, abdicando do excesso de racionalidade e aceitar, por um momento, a lógica interna da narrativa mitológica. Esse ato de envolvimento profundo com o relato permite que o indivíduo se conecte de forma mais intensa com as verdades simbólicas que o mito transmite, independentemente da sua verossimilhança literal.

Pensando nisso, a literatura pode ser vista como uma continuidade da mitologia: diante da obra, o leitor voluntariamente suspende sua descrença para compreender e apreciar o texto, aceitando a construção ficcional. Além disso, as narrativas, seja pela tradição oral ou pela escrita, estruturam a identidade linguística e cultural de um povo. A ficção, portanto, não apenas narra, mas envolve o leitor em uma experiência simbólica, estabelecendo uma relação de cumplicidade e credibilidade com o relato. É dessa forma que os temas presentes nos mitos mais antigos podem ser revisitados e ressignificados na literatura. Como sugere Fernandes (2014, p. 101-102), “mito e palavra entrelaçam-se.

Do mesmo modo que o mito possui o caráter criador, a palavra participa do ato da criação no momento da enunciação”.

Tais dúvidas acerca da criação divina, forças da natureza, paixões desenfreadas e angústia existencial arrebataram a escritora portuguesa Sophia de Mello Breyner Andresen (1919-2004). Diante de uma realidade que não contempla seus ideais e seus valores humanos, a autora reatualiza os mitos, revisitando o momento no qual o homem não só executava o seu salto de fé, mas utilizava a mitologia para pensar um modelo ideal de civilização e de humanidade. Para alcançar tal tempo mítico, constrói sujeitos poéticos que, constantemente, falam sobre elementos marítimos e evocam imagens do mar.

Em sua obra, é possível notar que o mar é implicado por um amplo conjunto de referências, tais como: o mais velho dos titãs, “pai de todos os seres”; cenário de aventuras e naufrágios; caminho rumo à nova Troia; primeira batalha do herói piedoso latino; berço das cachalotes; lar do gigante Adamastor; espaço de capitães tiranos; e responsável por desbravamentos e heróis ibéricos. São diversos os cenários em que o mar é elemento fundamental de compreensão tanto para a mitologia como para a produção poética de literatura mundial. Isso porque, “pelo mar se caminha em nome de Deus e pelo mar se alcança o conhecimento, que vem alterar a visão do universo” (Soares, 2019, p. 127). Os mitos recorridos são aqueles da Antiguidade Clássica, apresentados por Homero, acerca da origem do mundo, dos deuses primordiais, da civilização grega e de seus heróis e, acima de tudo, seu reconhecimento na poesia de Sophia.

## BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO E FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA DO MITO

Para compreender o mito, sugere-se uma visão menos concreta e mais especulativa de sua significação: “a mitologia é uma forma de arte que aponta para além da história, aponta para o que é intemporal na existência humana, e nos ajuda a superar o fluxo caótico de eventos aleatórios, vislumbrando o âmago da realidade” (Armstrong, 2005, p. 12). Ou, ainda, “consiste em revelar os modelos exemplares de todos os ritos e atividades humanas significativas: tanto a alimentação ou o casamento, quanto o trabalho, a educação, a arte ou a sabedoria” (Eliade, 1991, p. 13).

Considerando as amplas possibilidades de conceituação e entendimento dos mitos, foram utilizados para o exercício de análise: *Breve história do mito* (2005), de Karen Armstrong; as teorias de Mircea Eliade em *O sagrado e o profano: a essência das religiões* (1992) e *Mito e realidade* (1991); a edição de *Odisseia* (2011) que contém prefácio e tradução de Frederico Lourenço; e *O ser e o tempo na poesia* (1977), de Alfredo Bosi. Assim, os textos citados interpretam as histórias mitológicas e a fascinação pelo mundo homérico como papel predominante da cultura ocidental e suas manifestações artísticas.

## A POÉTICA DE SOPHIA

A arte poética como mecanismo de regresso, possibilidade de recomeço, encontro entre o tempo mítico e o presente, bem como espelho do ser e estar do homem no mundo são algumas das possibilidades pelas quais a poesia de Sophia de Mello Breyner Andresen navega entre versos e rimas. Tanto no campo individual quanto no coletivo, procura instigar reflexões acerca da existência humana e dos questionamentos que permeiam as experiências. Como uma espécie de manifestação da própria consciência, a revelação da poesia de Sophia é um mergulho em questões existenciais por meio do lirismo e do retorno a um mundo ideal e original, onde a volta é bem-vinda e ansiosamente aguardada pelo homem-poeta.

As dinâmicas sociais modernas também incomodavam a autora: o avanço do capitalismo selvagem, a modernização do cotidiano, a mecanização do pensamento e o afastamento do homem de sua essência mais pura são colocados em oposição à beleza da natureza e sua fascinação pelo mundo antigo, em especial a tradição greco-romana. De acordo com Fernandes (2014, p. 15), “a poética de Sophia busca reencontrar certa dignidade do homem, restituindo-lhe um sentido transcendente, por meio da recuperação de uma unidade ancestral”. Pode-se dizer, portanto, que há uma preocupação constante em rejeitar a automatização e, consequentemente, dignificar a existência humana: seja pelo retorno a uma tradição perdida pela era moderna, seja pela descoberta do sentido da vida por meio da poesia.

O descontentamento com a modernidade é um elemento profundamente sentido pela poetisa. A norma da produção em massa, da indiferença social, do individualismo e da descrença com o mundo, combinados com a hostilidade e

a desvalorização das atividades humanas em prol do consumo, criam uma “falsa ordem”, na qual o ser pensante perde sua criatividade e opera apenas como reprodutor de uma tarefa estabelecida por outrem. Em tal contexto, a poesia atua como valor transformador fundamental, uma vez que o trabalho imaginativo nada à contracorrente da operação automatizada do capitalismo.

Pensando nisso, em *O ser e o tempo na poesia* (1977), Bosi destaca a necessidade de o poeta sobreviver apesar das contradições da ideologia dominante, descobrindo modos de existir no interior do processo capitalista. Sua chamada “poesia resistência” propõe que a poesia “resiste aferrando-se à memória viva do passado; e resiste imaginando uma nova ordem que se recorta no horizonte da utopia” (Bosi, 1977, p. 146). O mito, memória mais profunda de um povo, resgata o sentimento de comunidade e cultura do escritor, assumindo um papel de metáfora para o tempo contemporâneo.

Entre as formas com as quais o poeta resiste à modernidade, destaca-se aqui sua imersão profunda na mitologia, quando confronta a amargura do tempo histórico pelo retorno à Antiguidade. Isso porque, “ao recitar os mitos, reintegra-se àquele tempo fabuloso e a pessoa torna-se, conseqüentemente, ‘contemporânea’, de certo modo, dos eventos evocados, compartilha a presença dos Deuses ou dos Heróis” (Eliade, 1991, p. 21). Assim, essa relação mito-poesia permite que se crie um vínculo nostálgico e uma sensação do que “poderia ter sido” caso o indivíduo tivesse regressado àquele espaço-tempo. Uma possibilidade de abandonar o tempo presente, mesmo que seja no curto momento de produção e leitura da poesia, e lançar-se em águas mais profundas. Esse chamado “tempo sagrado” do poema se apresenta sob o aspecto paradoxal de um “tempo circular, reversível e recuperável, espécie de eterno presente mítico” (Eliade, 1992, p. 39).

Eliade, em seu *O sagrado e o profano*, complementa: “a vida não pode ser reparada, mas somente recriada pela repetição simbólica” (1992, p. 44). Com isso, é possível compreender que – entre outros motivos – a poesia aprecia a tradição helênica por conta da recorrência de eventos e do preenchimento da essência humana por meio do exemplo. Sendo assim, a reafirmação da tradição mítica encontrada ao longo dos versos de Sophia sustenta o principal elemento de sua obra poética: ter o mar à vista. Seu destino não é a civilização ou a terra prometida, mas, justamente, a inversão da ordem, isto é, a passagem da terra para a água.

Andresen sugere a transformação de algo ordenado, manipulando as noções de tempo, e cria uma ligação com o mundo homérico. Além disso, o

mito parece oferecer um artifício resistente à automatização e desvalorização do processo intelectual e criativo causado pela sociedade de classes, uma vez que a chamada poesia mítica “resgata o sujeito da abjeção a que sem parar o arrasta à sociedade de consumo” (Bosi, 1977, p. 153).

Em síntese, “uma das maiores preocupações dos poemas sophianos é a integridade, a busca do original e da sabedoria primordial, do justo e do puro que, na visão da poetisa, remonta ao tempo do antigo mundo grego” (Molin, 2022, p. 28). Dito isso, observam-se duas maneiras pelas quais Sophia tenta alcançar sua verdadeira essência e retornar ao mundo ideal: pelo mar, no poema “Ítaca”, do livro *Geografia* (1967), e pelo exemplo do herói grego, em “O rei de Ítaca”, de *O nome das coisas* (1977).

## O MAR COMO ESPAÇO DE REGRESSO EM “ÍTACA”

### Ítaca

Quando as luzes da noite se reflectirem imóveis nas águas verdes de Brindisi  
Deixarás o cais confuso onde se agitam palavras passos remos e guindastes  
A alegria estará em ti acesa como um fruto  
Irás à proa entre os negrumes da noite  
Sem nenhum vento sem nenhuma brisa só um sussurrar de búzio no silêncio  
Mas pelo súbito balanço pressentirás os cabos  
Quando o barco rolar na escuridão fechada  
Estarás perdida no interior da noite no respirar do mar  
Porque esta é a vigília de um segundo nascimento

O sol rente ao mar te acordará no intenso azul  
Subirás devagar como os ressuscitados  
Terás recuperado o teu selo a tua sabedoria inicial  
Emergirás confirmada e reunida  
Espantada e jovem como as estátuas arcaicas  
Com os gestos enrolados ainda nas dobras do teu manto (Andresen, 2018, p. 218).

Composto por duas estrofes e quinze versos totais, o poema apresenta um eu lírico que busca um caminho de regresso e recomeço por meio das viagens ultramarinas. Como um trabalho introspectivo, retoma a jornada do herói grego da guerra de Troia, Ulisses, rumo ao seu lar, Ítaca, ao largo da costa oeste

da Grécia continental. Projetando para si mesmo um caminho regenerador à maneira de Ulisses, o título do poema representa, portanto, um mundo original ao qual o eu lírico tenta regressar.

Considerando a forma do poema, é possível perceber uma forte recorrência de sons fricativos, especialmente o “-s”, com destaque para três momentos: a) ao longo dos dois primeiros versos, “as luzes”, “imóveis”, “nas águas verdes”, “deixarás o cais”, “se”, “palavras passos remos e guindastes”; b) em seguida, o quinto e o sexto versos que, lidos em união, se complementam sonoramente: “só um sussurrar de búzio no silêncio” e “mas pelo súbito balanço pressentirás os cabos”; enfim, c) os últimos cinco versos apresentados na segunda estrofe são preenchidos por diversos sons fricativos: “sol”, “intenso”, “subirás”, “ressuscitados”, “terás”, “selo”, “sabedoria inicial”, “emergirás”, “espantada”, “as estátuas arcaicas”, “os gestos enrolados” e “nas dobras”.

É interessante observar que a predominância do som “-s” em sequência proporciona uma sensação de suavidade e fluidez ao leitor. O fricativo prolongado imprime um tom quase sibilante ao verso, conferindo-lhe musicalidade e harmonia. Como o “-s” pode remeter ao som do vento ou ao deslizar de algo suave, sugere-se deslocamento ou transição, como se a imagem emergisse lentamente diante do leitor, em um movimento fluido e delicado. A interpretação por trás do ritmo parece demonstrar um eu lírico que enfim abandonou toda a agitação confusa do início do poema, com seus remos e guindastes, para pôr-se a caminho do mar noturno, em sons similares ao quebrar das ondas, contemplando sua beleza e ressuscitando em um novo ser.

Ainda no que diz respeito à análise formal dos versos, retoma-se o quinto e sexto versos e sua complementaridade. São correspondentes pela sua forma e sonoridade, por sua ausência de pontuação, pela união das orações por meio do uso da conjunção adversativa “mas” e, ainda, pela correspondência entre os substantivos “vento” e “brisa” com “balanço” e, também, os verbos “sussurrar” e “pressentirás”. Os três substantivos possuem a mesma conotação, a de percepção do ar tocando o corpo em uma travessia, enquanto os dois verbos são mais intimistas e discretos, quase como uma percepção silenciosa de que alguma coisa está surgindo no horizonte. Com isso, pode-se dizer que os substantivos pertencem ao mesmo campo semântico, uma vez que remetem à esfera do sentido do tato, ao passo que “sussurrar” corresponderia ao sentido da audição e “pressentirás”, da intuição. Constrói-se, assim, um trajeto poético que se inicia do mais externo e concreto rumo ao mais interior e abstrato.

Uma das principais características de “Ítaca” é a manifestação do mar como influência principal, e todo o campo semântico que demonstra o papel preponderante das águas na intensidade expressiva do poema: “águas verdes de Brindisi”, “cais”, “agitam”, “remos”, “guindastes”, “proa”, “vento”, “brisa”, “búzio”, “balanço”, “cabos”, “barco”, “respirar do mar”, “vigília”, “mar”, “intenso azul”, “emergirás”. Em ligação com a sua fascinação pela temática grega, pode-se dizer que, para Andresen, o mar representa a única via pela qual o homem pode buscar o retorno a um mundo idealizado. Por meio das viagens ultramarinas, o mar se torna o espaço simbólico do regresso e da reconstrução, evocando o sonho de uma realidade primordial e harmoniosa, frequentemente idealizada pela poeta.

Em geral, pode-se observar que o eu lírico considera Ítaca um lugar sagrado em meio a uma realidade profana, a qual ele se vê forçado a aceitar. Nesse caso, o sagrado manifesta-se como uma realidade inteiramente diferente das realidades chamadas “naturais”: só voltará a sentir alegria a partir do momento em que se deslocar à proa e deixar “o cais confuso”. O sujeito poético reflete sobre a cidade como fator de isolamento, em que a sabedoria original foi perdida – para ele, a cidade é um espaço de terror e destruição máxima, onde o isolamento causa a completa degradação do ser humano. A oposição entre mar e cidade é uma marca definitiva da autora, como pode ser visto no trecho de outro poema seu, “Cidade”.

### Cidade

Cidade, rumor e vaivém sem paz das ruas,  
Ô vida suja, hostil, inutilmente gasta,  
Saber que existe o mar e as praias nuas,  
Montanhas sem nome e planícies mais vastas  
Que o mais vasto desejo,  
E eu estou em ti fechada e apenas vejo  
Os muros e as paredes e não vejo  
Nem o crescer do mar nem o mudar das luas.  
[...] (Andresen, 2018, p. 51).

A percepção da cidade como um espaço de degradação e confinamento contrasta diretamente com a visão do mar como símbolo de plenitude e transcendência. Em “Cidade”, a angústia gerada pelo espaço urbano é evidenciada pela costumaz oposição entre a vastidão do mar e a clausura imposta pelos



muros. O sujeito poético está “fechado” na cidade, privado da contemplação do mar e das luas, reforçando a ideia de um aprisionamento tanto físico quanto existencial causado pela civilização e pelos espaços urbanos, onde a vida se torna “inutilmente gasta”. Essa concepção encontra respaldo na leitura de Fernandes (2014, p. 23): “Se o mar é o uno e o eterno presentificados, a cidade é o lugar da divisão, espaço-tempo do antimarinho”.

É dizer: se o mar carrega a ideia de unidade primordial e sabedoria essencial, a cidade, em contraste, clausura e esvazia o ser humano. O “antimarinho”, então, é aquele que não navega, que não busca Ítaca e, portanto, não recupera sua essência. Dessa forma, a cidade não apenas isola o sujeito poético, mas também destitui a existência de seu caráter mítico e transcendente, reduzindo-a à materialidade sufocante e à alienação do sagrado. O retorno ao mar seria, para Andresen, a única tentativa eficaz de restauração do ser, uma reconexão com seu conhecimento perdido.

Busca, assim, alcançar sua verdadeira essência por meio da navegação, novamente tornando-se marinho. Por ser uma atividade majoritariamente solitária, a viagem permitiria ao homem realizar uma introspecção e uma possibilidade de alcançar a sua verdadeira paixão. Apesar do sofrimento, a jornada traz uma recompensa saborosa. Retomando o canto treze da *Odisseia*, no momento de retorno a Ítaca, tem-se:

Avançando com leveza, a nau cortou as ondas do mar,  
transportando um homem cujos conselhos igualavam  
os dos deuses, que já sofrera muitas tristezas no coração,  
que atravessara as guerras dos homens e as ondas dolorosas,  
mas que agora dormia em paz, esquecido de tudo quanto sofrera (Homero,  
*Odisseia*, XIII, v. 88-92, p. 337).

Com isso, a poética andreseana recorre ao mito não somente como elemento temático, mas principalmente “como estratégia para pensar uma restauração do homem e de sua vida em sociedade” (Fernandes, 2014, p. 99). A ideia do “intenso azul”, apresentada no início da segunda estrofe de “Ítaca”, parece conter, em essência, a “sabedoria inicial” que será recuperada ao final do poema. Ao ser despertada pelo sol rente ao mar, a voz poética não apenas desperta fisicamente, mas também retorna a essa sabedoria primordial, inscrita na natureza e, especialmente, no oceano – uma espécie de ressurreição, uma ascensão que a conduz de volta à sua totalidade, à sua essência primeira.

Do mesmo modo como foi para Ulisses, a expedição além-mar atuaria como um mergulho em si mesmo, reconhecendo sua astúcia e se deslumbrando pelas águas regeneradoras do Mediterrâneo. Esse tempo-espço de contemplação rejeita bens materiais e atinge um campo de renascimento de fato. O verso “Porque esta vigília é um segundo nascimento” pode ser considerado a principal característica de todo o poema, uma vez que retoma um dos temas que é mais caro na poesia de Andresen: a essência humana mais profunda, podendo ser recuperada pelo eterno retorno ao mito, por meio de uma viagem que atua como uma espécie de segundo nascimento – ao se encantar novamente pela vida e se reencontrar com a naturalidade mais íntima e profunda de si. Para Ferraz (2018, p. 111), “por meio do mito, o homem pode entender seu lugar e seu papel no mundo. Ao reencontrar suas origens, o homem reencontra também a identidade essencial e consegue uma reintegração no todo do universo”. Ou seja, a pretensão da viagem rumo à pátria de Ulisses é permitir que o eu lírico retorne à sua sabedoria inicial, contida no intenso azul do mar.

## O MODELO GREGO EM “O REI DE ÍTACA”

### O rei de Ítaca

A civilização em que estamos é tão errada que  
Nela o pensamento se desligou da mão

Ulisses rei de Ítaca carpinteiou seu barco  
E gabava-se também de saber conduzir  
Num campo a direito o sulco do arado (Andresen, 2018, p. 278).

Como se disse anteriormente, a poesia de Andresen apresenta muitas de suas questões e reflexões acerca do ser-estar no mundo. A intensidade expressiva de “O rei de Ítaca” é construída pela brevidade do poema: duas estrofes e cinco versos, sem rimas e pontuações e pouca adjetivação. No entanto, os diversos substantivos sustentam a característica tão pontuada nesta análise: o retorno ao mito como maneira de alcançar a verdadeira essência do homem. Para Sophia, a tradição helênica era um ideal de civilização. Sendo assim, é em Ulisses que, mais uma vez, seu poema se espelha.

O sujeito poético critica a separação entre o trabalho braçal e a atividade intelectual, considerando que o fenômeno da divisão do trabalho não só

aumenta ainda mais o apartamento de classes como também limita o pensamento criativo. Os versos iniciais apresentam descontentamento com o mundo moderno, o avanço furioso do capitalismo e dos meios de produção. A mão desatrelada simboliza o desajuste entre o pensamento e a expressão criativa. Assumindo um papel de obrigação e serventia, o homem gasta seu tempo para atender às demandas da produção exacerbada e, conseqüentemente, perde sua qualidade de vida.

Ainda, é preciso ressaltar que a mão e o pensamento são os instrumentos do homem-poeta: a poesia é construída exatamente pela ação conjunta desses dois elementos. No ato da escrita, a mão materializa os pensamentos – o mundo moderno, na contramão, despersonaliza o indivíduo, banaliza a criatividade e extrai o tempo de reflexão. Para recuperar a paixão artística, então, o eu lírico retorna, mais uma vez, ao mundo grego, com Ulisses. É o exemplo do herói que pode, em “O rei de Ítaca”, recuperar o sentido da existência do homem moderno.

Esse afastamento entre teoria e prática sugere uma alienação característica do mundo contemporâneo, no qual o conhecimento intelectual se desvinculou do fazer concreto. Em oposição, Ulisses representa um modelo antigo de humanidade, em que o saber não era abstrato, mas integrado à experiência e à materialidade da vida. Ao enfatizar que o rei de Ítaca não apenas governava e guerreava, mas também construía o próprio barco e arava o campo com precisão, a poeta propõe um resgate de valores perdidos na modernidade. O herói homérico, além de astuto e engenhoso, era um homem de ação, alguém que compreendia o mundo por meio do contato direto com a matéria.

Observa-se, ainda, que a utilização de elementos concretos ao longo dos versos traz uma dimensão de realidade maior para o poema, são eles: “civilização”, “mão”, “barco”, “campo”, “arado”. Como uma espécie de reflexo dessa sociedade materialista e pouco imaginativa, o poema traz uma construção que estimula o questionamento e tenta despertar as paixões pelo uso de substantivos mais distantes da abstração e próximos do real, do homem moderno. Ademais, parece contar “a trajetória primordial do homem” (Fernandes, 2014, p. 102), isto é, recorre a imagens que evocam esse homem do mito, o qual unia a atividade manual com a integridade intelectual.

Sendo assim, os versos destacam a habilidade e esperteza de Ulisses: o barco foi construído com tanto esmero que era capaz de navegar mesmo pelas ranhuras de um campo arado. Com isso, cria-se uma oposição entre o molhado

(barco, e, conseqüentemente, mar) e seco (arado, portanto, terra). O mar, via única de alcançar a renovação interior do homem, funde-se com o espaço referido do solo.

Sobre o verbo “carpintear”, há duas interpretações que se complementam na análise: o verbo, em seu sentido denotativo, refere-se à atividade de trabalhar com madeira, geralmente para construir ou reparar objetos, móveis ou estruturas; de forma figurada, o verbo descreve o ato de criar ou produzir algo com atenção aos detalhes, como um trabalho cauteloso. No poema, essa escolha lexical reforça a possibilidade de reconciliação entre pensamento e ação, tema central na crítica de Andresen à modernidade. O barco que Ulisses constrói torna-se símbolo dessa união, pois nele se espelha a fusão entre o homem-carpinteiro e o homem-poeta: o primeiro constrói uma embarcação segura para suas viagens marítimas; o segundo realiza sua tarefa com cuidado e esmero, pois é um escritor construindo seus versos.

Sendo assim, entende-se que o poeta, ao encantar-se com a vida e com o pensamento criativo mais uma vez, emerge seu poema na página em branco – emulando um barco recém-restaurado. Como uma espécie de Ulisses moderno, o poeta deve carpintear o seu barco e conduzir o arado. Dessa maneira, resgata-se a figura de Ulisses como um arquétipo de plenitude, em que a inteligência não está dissociada da prática, mas, pelo contrário, manifesta-se na própria feitura do mundo.

Em síntese, pode-se dizer que o poema sugere que tanto a ação quanto o pensamento são dimensões essenciais da identidade humana: Ulisses não é um rei distante, que apenas delega tarefas, mas alguém que constrói, labora e participa ativamente da própria jornada. Ao mencionar que ele “carpintei seu barco” e sabia conduzir “a direito o sulco do arado”, o leitor pode observar que o heroísmo de Ulisses não se baseia apenas na inteligência estratégica, mas também em sua capacidade de moldar o mundo com as próprias mãos. A separação entre pensamento e ação, portanto, não é apenas uma mudança estrutural na sociedade moderna, mas um deslocamento que altera profundamente a forma como o ser humano se compreende. Ao resgatar Ulisses como alguém que mantém essas esferas unidas, Andresen sugere que a cisão entre criar e pensar gerou um mundo fragmentado, no qual a experiência se torna distante e a civilização se desajusta da própria essência.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em seu conto “Homero”, de *Contos exemplares* (1999, p. 139), a poetisa apresenta Búzio, homem que passava suas noites falando com o mar: “palavras brilhantes como as escamas de um peixe, palavras grandes e desertas como praias”. Em contrapartida ao homem moderno, cuja existência reside na relação produção/consumo de bens materiais, o homem sophiano está eternamente conectado ao homem homérico por tentar, constantemente, retornar a sua dimensão transcendente. A maneira escolhida para criar esse laço é, assim, o mar e seus arredores: o vento, o frescor das águas, a luz do sol, o brilho das estrelas etc.

A conotação marítima do nome de seu personagem legitima, com ainda maior carga emocional, a relação entre passado e presente ocidentais: conecta, assim, as dificuldades enfrentadas pelo homem moderno com os anos de penúria do herói grego. Cria, pois, um reconhecimento desse homem que dialoga com as águas, com o viajante Ulisses, uma vez que é estimulado “a ver nele [Ulisses] a própria consubstanciação da inteligência humana (aqui referida por meio da ideia de ‘astúcia’) e da vocação do ser humano para o infinito sofrimento” (Lourenço, 2011, p. 96).

São diversos os textos escritos por Sophia que exploram a necessidade humana de navegar e desbravar os oceanos, tanto geograficamente quanto da própria consciência. Apesar das dúvidas acerca do lugar do indivíduo entre os seres, há, nas personas sophianas, um modelo ideal, um homem-exemplo: aquele que reconhece sua pequenez diante dos deuses e da natureza, recolhendo-se a um estado de intimidade com o cosmos ao conversar todas as noites com as ondas. Em seu deslumbramento, “o sujeito poético declara nos seus versos ter uma relação excepcional com o mar. Ele está ou na praia, ou põe-se a viajar no mar, ou mergulha nas suas águas, porém, também se une ao mar” (Molin, 2022, p. 53).

Marinheiro real, pescador, herói grego: o indivíduo vê no mar um espelho para suas emoções e suas experiências. Ao mesmo tempo que contempla a tradição mítica, a poetisa também demonstra sua atenção permanente aos problemas e a fragilidade dos seres humanos, por meio de uma poesia equilibrada, límpida e depurada, uma linguagem poética que tem o mar como vizinho. Considerando a existência humana como uma eterna busca pelo tempo puro, cuja perda dos valores essenciais mais profundos, genuínos e criativos parece

inevitável, a passagem mais próxima para o litoral sugere estar contida na atividade poética. Retomando Ferraz (2018, p. 42), “basta abrir os olhos e ver: concreta, nítida, luminosa, a palavra de Sophia está entre nós”.

## Sophia’s sea: encounter between mythical time and present time in “Ítaca” and “O rei de Ítaca”

### Abstract

The present article explores the dimensions of classical mythology, the estrangement with the modern world, and the search for the deeper essence of humanity in the verses of the Portuguese poet Sophia de Mello Breyner Andresen. The analyses of the poems “Ítaca” and “O Rei de Ítaca” highlight the sea as a dominant symbol and the Greek hero as an exemplary figure. Sophia’s ultimate aim seems to be the reimagining of the classical myth: following *Homeric* influences, embracing the natural vastness of the sea breeze, and surrendering to a profound meditation on the origins of the world and the human condition. Imbued with an *Ulissian* spirit, her poetry revives the myth while immersing itself in the nostalgia of times never lived.

### Keywords

Sea. Classical mythology. Sophia de Mello Breyner Andresen.

### REFERÊNCIAS

- ANDRESEN, S. de M. B. *Coral e outros poemas*. Seleção e apresentação Eucanaã Ferraz. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- ANDRESEN, S. de M. B. *Contos exemplares*. 33. ed. Porto: Figueirinhas, 1999.
- ARMSTRONG, K. *Breve história do mito*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- BOSI, A. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Cultrix, 1977.
- ELIADE, M. *Mito e realidade*. Tradução Pola Civelli. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- ELIADE, M. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. Tradução Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FERNANDES, M. L. O. O mito e a condição humana na obra poética de Sophia de Mello Breyner Andresen. *Texto Poético*, v. 10, n. 16, 2014. Disponível em: <https://textopoetico.emnuvens.com.br/rtp/article/view/209>. Acesso em: 17 mar. 2025.

FERRAZ, E. Apresentação – Breve percurso rente ao mar. In: ANDRESEN, S. de M. B. *Coral e outros poemas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 17-42.

HOMERO. *Odisseia*. Tradução e prefácio Frederico Lourenço. Introdução e notas Bernard Knox. São Paulo: Penguin-Companhia, 2011.

LOURENÇO, F. Prefácio. In: HOMERO. *Odisseia*. São Paulo: Penguin-Companhia das Letras, 2011. p. 95-105.

MOLIN, R. *O mar na obra de Sophia de Mello Breyner Andresen*. 2022. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Universidade de Masaryk, Brno, 2022. Disponível em: [https://is.muni.cz/th/rgamv/O\\_mar\\_na\\_obra\\_de\\_Sophia\\_de\\_Mello\\_Breyner\\_Andresen.pdf](https://is.muni.cz/th/rgamv/O_mar_na_obra_de_Sophia_de_Mello_Breyner_Andresen.pdf). Acesso em: 16 mar. 2025.

SOARES, M. L. de C. O mar e a viagem: sua expressão na literatura portuguesa. *Humanitas*, v. 74, p. 119-137, 2019. Disponível em: [https://doi.org/10.14195/2183-1718\\_74\\_7](https://doi.org/10.14195/2183-1718_74_7). Acesso em: 10 mar. 2025.